

ESTRATÉGIAS ATIVAS: AÇÕES EM BUSCA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ESTUDANTES

Vera Liz Silverio dos Santos¹

Claudia Kreuzberg da Silva²

Germano Fonseca Praxedes³

Pedro Soares Magalhães⁴

Sidinéia da Silva⁵

Resumo: Embora a aprendizagem colaborativa não seja algo recente, com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação, e com o avanço da Internet, a aprendizagem colaborativa tem tido muito crescimento no meio acadêmico. Embora existam diferentes maneiras para conceituar aprendizagem colaborativa, fica evidente que todos colocam, cada um de sua forma, que é por meio da construção em conjunto e com a ajuda entre os membros do grupo que se busca atingir objetivos e adquirir novos conhecimentos. A base da aprendizagem colaborativa está na interação e troca entre os alunos, com o objetivo de melhorar

- 1 Graduada em Pedagogia pela UCB - Universidade Castelo Branco; Licenciatura em Filosofia pela FAERPI- Faculdade Entre Rios do Piauí; Licenciatura em Sociologia pela UNAR - Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”; Pós-Graduada em Educação Inclusiva com Ênfase em Avaliação Diagnóstica pela FACEL (Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras); Pós-Graduada em Direitos Humanos pela Faculdade São Luís; Pós-Graduada Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia. Mestranda em Tecnologias Emergentes pela Must University (MUST). E-mail: veralizsilveriodossantos@gmail.com
- 2 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); Mestre em Tecnologias Emergentes na Educação pela Must University-EUA (MUST); Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales-Paraguai. E-mail: claudiakreuzberg@gmail.com
- 3 Licenciatura Plena em Química; Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: praedesgf@gmail.com
- 4 Licenciado em Pedagogia e Letras (FAEX); Especialista em Gestão Escolar (FAVENI) e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FUNIP); Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University). E-mail: pedroletras225@gmail.com
- 5 Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Graduada em Educação Física pela Faculdade Ibra de Brasília (FABRAS); Pós-Graduada em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Pós-graduada em Supervisão, orientação e gestão escolar pela Faculdade Santo André (FASA); Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Artes pela Faculdade Panamericana de Ji-Paraná (UNIJIPA); Pós-Graduada em Linguística e Literatura pela Faculdade de ciências humanas e exatas de Rondônia (FARO); Mestre em Tecnologias Emergentes pela Must University. E-mail: sidbelaorama@gmail.com

a competência dos mesmos para os trabalhos cooperativos em grupo. A taxonomia de bloom também pode ajudar na aprendizagem. No dia a dia, nem sempre é uma tarefa fácil analisar quais competências e habilidades o aluno, de fato, conseguiu desenvolver. Porém, com a taxonomia de Bloom, os educadores conseguem ter mais controle dos objetivos educacionais e das estratégias pedagógicas necessárias, até mesmo, para mudar pontos específicos no plano de aula, quando necessário. Espera-se que esta pesquisa bibliográfica contribua para suscitar debate mais profundo e esclarecedor sobre a utilização da aprendizagem colaborativa na educação como uma proposta diferenciada, onde o papel do professor como mediador e a interação entre os alunos por meio do diálogo, seja oral ou escrito, se caracterizam como aspectos fundamentais que poderão contribuir não para a reprodução, mas para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa. Taxonomia de Bloom. Interação. Tecnologias.

Abstract: Although collaborative learning is not something new, with the emergence of information and communication technologies and also with the advancement of the Internet, collaborative learning has had a lot of growth in the academic environment. Although there are different ways to conceptualize collaborative learning, it is evident that everyone puts it, each in their own way, that it is through the construction together and with the help between the members of the group that one seeks to achieve goals and acquire new knowledge. The basis of collaborative learning lies in the interaction and exchange between students, with the aim of improving their competence for cooperative group work. Bloom taxonomy can also help with learning. In everyday life, it is not always an easy task to analyze which skills and abilities the student has actually managed to develop. However, with Bloom's taxonomy, educators are able to have more control over the educational goals and pedagogical strategies needed, even to change specific points in the lesson plan when necessary. It is hoped that this bibliographic research will contribute to raise a deeper and enlightening debate on the use of collaborative learning in education as a differentiated proposal, where the teacher's role as a mediator and the interaction between students through dialogue, whether oral or written, are characterized as fundamental aspects that may contribute not to reproduction, but to the construction of knowledge.

Keywords: Collaborative Learning. Bloom's Taxonomy. Interaction. Technologies.

Introdução

As chamadas metodologias ativas dizem respeito a um conjunto de estratégias pedagógicas orientadas para o desenvolvimento da autonomia do estudante. Aprendizagem baseada em metodologias ativas, sala de aula invertida, ensino híbrido, Design Thinking na educação e rotação por estações de aprendizagem são algumas dessas estratégias com as quais além de se constituir em processo que valoriza a autonomia, a perspectiva de aprendizagem ativa também fortalece a dimensão colaborativa em grupo de trabalho.

Outra particularidade das estratégias pedagógicas que compõem as metodologias ativas é a própria inversão da lógica do trabalho realizado com os estudantes. O mais comum é vermos percursos de ensino que partem da teoria para depois chegarem a uma prática. Na aprendizagem ativa observamos uma gradativa mudança nesta lógica, reposicionando o lugar da teoria, cuja reflexão é disparada por uma posição prática.

As rápidas e profundas transformações sociais comandadas pelas tecnologias têm exigido da escola novas posturas, novas metodologias, novas maneiras de se ensinar, para que seja possível superar o modelo ultrapassado, que não atende mais às expectativas dos alunos, tampouco da sociedade e do mercado de trabalho. É possível aplicar a taxonomia de Bloom na construção de aulas, nas avaliações e exercícios desenvolvidos em sala de aula. O educador também pode utilizar os três domínios (Domínio cognitivo: diz respeito à capacidade intelectual; Domínio afetivo: referente às características da sensibilidade e forma de lidar com os valores emotivos; Domínio psicomotor: abrange a competência de executar tarefas a partir do sistema motor) ou; apenas o mais utilizado, que é o cognitivo.

Ambiente motivador

Certos autores caracterizam a aprendizagem colaborativa como sendo uma estratégia de ensino-aprendizagem; para Araújo e Queiroz (2004), por exemplo, “aprendizagem colaborativa é um processo em que os membros do grupo ajudam uns aos outros para atingir um objetivo acordado.”

Campos et al (2003, p. 26) considera essa aprendizagem como “... uma proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o

objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto.”

Desta forma, os professores ao aderirem à aprendizagem colaborativa, poderão atender na prática, as exigências da educação para o Século XXI, pautada nos quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos.

Embora não se possa generalizar, em diversas Instituições não há espaço para o diálogo e o que ainda predomina é o ensino tradicional. Pesquisas apontam que para os dias atuais, restringir-se somente a esse tipo de ensino não se tem chegado a resultados satisfatórios.

Por isso a necessidade de se estar trabalhando num ensino inovador, com base num paradigma emergente que possa atender às exigências do mercado de trabalho e sobretudo, às necessidades da formação do aluno como cidadão.

E ao se pensar em trabalhar numa proposta de aprendizagem, como a aprendizagem colaborativa, há que se pensar nesses aspectos, pois muitos estudiosos mostram ser possível, por meio dessa proposta, melhorar o ambiente (presencial ou on-line), bem como a participação, o desenvolvimento da criticidade, a interdependência e a autonomia dos alunos.

O professor necessita ter clareza dos aspectos que envolvem a aprendizagem colaborativa em ambientes on-line para saber conduzir o processo, fazer com que os alunos possam interagir e realmente cooperar uns com os outros, com o objetivo de produzir conhecimentos através das diferentes atividades. Adotar um bom sistema de avaliação, de maneira que seja possível observar as mudanças ocorridas na aprendizagem dos alunos, utilizando-se dessa proposta.

Convém, no entanto, lembrar que a Internet poderá ser uma ferramenta para a criação de ambientes motivadores, interativos e colaborativos, mas somente disponibilizar algumas ferramentas como o e-mail, chats, fóruns não significará que os alunos irão compartilhar e estarão trabalhando com base na aprendizagem colaborativa.

Tudo irá depender do projeto organizado pelo professor, da metodologia utilizada e do direcionamento pedagógico dado ao curso com o auxílio da tecnologia, porque tal tecnologia por si só, não garantirá a inovação nem a qualidade do ensino.

A Taxonomia de Bloom é um sistema de classificação usado para definir e distinguir diferentes níveis de cognição humana: pensamento, aprendizagem e compreensão.

Os educadores costumam usar a taxonomia de Bloom para informar ou orientar o desenvolvimento de avaliações (testes e outras avaliações da aprendizagem do aluno), currículo (unidades, aulas, projetos e outras atividades de aprendizagem) e métodos de ensino, como estratégias de questionamento. A Taxonomia de Bloom fornece uma visão sobre a progressão do raciocínio que ocorre na mente humana. Ele revela as complexidades da cognição, fornecendo uma trajetória bem definida que conecta o pensamento concreto ao pensamento abstrato. O objetivo da Taxonomia de Bloom é fornecer uma estrutura que permita que os objetivos educacionais sejam definidos de forma muito específica e estratégica para os alunos.

Aprendizagem colaborativa aliada a Taxonomia de Bloom

A Taxonomia de Bloom propõe que os educadores devem proporcionar aos alunos três objetivos principais, classificados a partir dos domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor.

Cada domínio requer habilidades específicas, dando a devida importância para cada um, pois juntos possibilitam a aprendizagem de modo concreto, mas é preciso considerar a hierarquia.

O modelo educacional de Bloom permite identificar o nível de desempenho de cada aluno, com base na classificação dos objetivos educacionais, do mais simples ao mais complexo. Isso ajuda o professor a planejar seu trabalho de modo a atender as necessidades de aprendizagem de cada aluno, que devem ter assimilado de forma concreta um conhecimento antes de passar para o próximo nível.

Desse modo, a aprendizagem se torna mais efetiva, pois o aluno só passa para um nível superior quando realmente assimilou o conhecimento, consolidando seu repertório mental. Essa técnica norteia o trabalho pedagógico, fornecendo um roteiro estruturado para alcançar os objetivos educacionais, otimizando o processo de ensino e aprendizagem.

Surge, portanto, uma proposta de educação diferenciada, que preza por colocar os estudantes no centro do processo de aprendizagem.

Ela prioriza a experiência prática e experimentação dos alunos, assim como a realização de projetos que permitam que eles coloquem a mão na massa — muito coerente com a Cultura Maker que surge na contemporaneidade. Além disso, há uma valorização da criatividade, interdisciplinaridade, utilização de ferramentas tecnológicas na sala de aula

e criação de ambientes inovadores.

A colaboração também entra em foco. Em vez de um estudante atrás do outro, há uma proposta de maior interação construtiva entre as crianças e adolescentes, evidenciando uma construção conjunta do conhecimento. O professor atua como mediador, e é quem direciona e orienta os alunos para uma aprendizagem mais conectada com a realidade do mundo que eles vão encontrar fora da instituição de ensino.

Com essas transformações, a escola consegue fornecer conhecimento mais contextualizado, formando pessoas que atendem às demandas da sociedade atual. É possível manter o interesse dos estudantes na aprendizagem, pois ela é coerente com a sua realidade e a forma como essas crianças e adolescentes funcionam, se comunicam e interagem com o mundo ao seu redor. Segundo (Bloom 1944, p. 139-142):

Muitas pessoas reconhecem que a capacidade humana de aprendizagem difere de uma pessoa para outra e, por um grande período, acreditou-se que a razão pela qual uma porcentagem de discentes obtinha desempenho melhor do que outros estava relacionada às situações e variáveis existentes fora do ambiente educacional e que, nas mesmas condições de aprendizagem, todos aprenderiam com a mesma competência e profundidade o conteúdo.

A transmissão de conhecimento se torna mais efetiva e é criado um diferencial para as escolas que adotam esse método, uma vez que os resultados positivos são nítidos. Assim, o aluno ganha liberdade para produzir conhecimento de acordo com os seus interesses reais, utilizando metodologias ativas de aprendizagem.

Porém, qualquer transformação é desafiadora e exige mudanças estruturais e metodológicas da instituição. O primeiro passo para atualizar a escola e torná-la mais conectada com a Quarta Revolução Industrial que seria o investimento no ensino colaborativo.

Prática Colaborativa Design Thinking (DT)

A estratégia de trabalho do Design Thinking (DT) envolve cinco etapas: Descoberta, Interpretação, Ideação, Experimentação e Evolução. Essas etapas não são lineares, necessariamente, porque o processo do DT permite idas e vindas nas etapas, conforme as ideias e as soluções são debatidas, experimentadas e validadas. O ciclo completo é denominado “Iteração”.

A empatia é uma competência que atravessa todo o processo do Design Thinking. Vale lembrar que, no centro do DT, estão os seres humanos e o senso de construção coletiva.

- **Tema:** Design Thinking para a exploração do Currículo
- **Público –alvo:** Equipe gestora e professores
- **Conteúdos:** Planejamento escolar na construção e aprimoramento do Currículo
- **Tecnologia Digital:** Internet, Brainstorming
- **Objetivo Geral:** Mobilizar a equipe docente na elaboração de soluções pedagógicas para a implantação do Currículo.
- Taxionomia:
- **Habilidades do Domínio Cognitivo:** Elaborar estratégias para o trabalho direto com as turmas
- **Categoria e nível do objetivo:** Nível 6 – colocar o protótipo para executá-lo e ao final fazer os ajustes para que ele possa ser melhorado.

Descrição de Atividades:

- Na primeira etapa o objetivo é identificar o problema e compreender o contexto particular em que o currículo se insere. Para isso é importante recolher informações, sempre observando as pessoas envolvidas, para atender as reais necessidades da escola.
- Na segunda etapa, inicia-se com um circuito de escuta de cada membro buscando dividir suas percepções anotadas.
- Na terceira etapa o facilitador é responsável pelo controle do tempo e pela criação de um ambiente agradável para a prática do Brainstorming ou tempestade de ideias.
- Na quarta etapa implica elaborar a forma como a ideia será concretizada.
- Na quinta etapa é colocar o protótipo para funcionar, ou seja, executá-lo na condição de experiência.

Considerações finais

O ensino colaborativo é uma metodologia de aprendizagem que ganha cada vez mais evidência na sociedade atual. O seu principal foco é a substituição de uma postura passiva dos alunos — que apenas recebem o

conhecimento emitido pelos professores — por uma atitude mais ativa e integrada, de forma de eles passam a atuar como protagonistas do processo de aprendizagem.

Gaeta e Masetto (2015, p. 88) ressaltam que:

[...] é muito importante que o professor assuma o papel de mediador no processo de aprendizagem, com atitudes de parceria e trabalho em equipe com os alunos. Ele deve formar grupos de trabalho, estabelecer objetivos muito claros de aprendizagem e organizar um programa construído coletivamente para sua consecução em um ambiente que inspire confiança entre professor e alunos.

Há uma melhora dos resultados de aprendizagem através de um maior engajamento dos alunos e devido à aprendizagem colaborativa melhora os resultados em longo prazo e permite uma aprendizagem mais efetiva. Os conhecimentos são contextualizados e, com isso, apreendidos de maneira mais eficaz.

Dessa forma, tanto a satisfação dos pais e alunos quanto a dos professores aumentam com o processo, o que melhora os resultados da sua instituição como um todo. Dessa forma, a aprendizagem colaborativa tem como um dos seus princípios a utilização da tecnologia como facilitadora do processo de educação.

A utilização de instrumentos que facilitem essa atividade é fundamental e nesse contexto a Taxonomia de Bloom tem colaborado significativamente, pois é um instrumento de classificação de objetivos de aprendizagem de forma hierárquica (do mais simples para o mais complexo) que pode ser utilizado para estruturar, organizar e planejar disciplinas, cursos ou módulos instrucionais.

Portanto, o acesso à internet, utilização de ferramentas digitais para adquirir conhecimentos e tirar dúvidas, assim como comunicação fora da sala de aula por meio de aplicativos de comunicação instantânea e plataformas virtuais são elementos essenciais para uma educação colaborativa efetiva na sua escola.

Referências

Araújo, Hélio da Silva; Queiroz, Vera. Aprendizagem Cooperativa e Colaborativa. São Paulo/ Brasília, Brasil. Disponível em: <www.studygs.net/portuges/cooplearn.htm> Acesso em: 27/09/04.

Bloom, B. S. Some major problems in educational measurement. *Journal of Educational Research*, v. 38, n. 1, p. 139-142, 1944.

Campos, F. et al. *Cooperação e aprendizagem on-line*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Gaeta, C.; Masetto, M. T. *O professor iniciante no ensino superior: aprender, atuar, inovar*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2013.

<https://www.proesc.com/blog/ensino-colaborativo-nas-escolas/>

<https://sae.digital/taxonomia-de-bloom/>.